

APRESENTAÇÃO

Literatura e mito têm mantido duradoura e bem documentada relação. Mitologia e cosmologia alimentam a literatura antiga, e a mitologia religiosa cristã é presença marcante na literatura medieval; nos séculos XV-XVII imagens e motivos da mitologia antiga e do relato bíblico são fonte de metaforicidade poética. Nos séculos XVIII-XXI, e, sobretudo, a partir do século XIX, percebem-se dois novos tipos de relação da literatura com a mitologia, que podem, de certa forma, ser relacionados ao romantismo e ao realismo: uma transição do simbolismo medieval para a representação da “realidade” e a criação de nova mitologia artística que traduzisse a antiga identidade entre natureza e história. No século XX, a par da remitologização na filosofia e na cultura, sob o impacto, dentre outros fatores, da “filosofia da vida” de Nietzsche, do funcionalismo ritualístico de Malinowski, do simbolismo lógico e psicológico de Cassirer e Jung, da análise estrutural de Lévi-Strauss e de estudos etnológicos como os de Frazer, Campbell, Eliade, Dumézil e Gusdorf, Mietlinski (1987) percebe um processo de “mitologismo” na literatura, quando escritores como Joyce, Kafka, Lawrence, Yeats, Eliot, O’Neil, Thomas Mann e Gabriel Garcia Márquez tomam a mitologia como instrumento de organização artística da matéria, de expressão de princípios psicológicos eternos e de modelos nacionais estáveis de cultura.

Os ensaios aqui reunidos dão testemunho do frutífero relacionamento entre literatura e mito. Além de se constituir em instigante releitura do poema épico de John Milton, o primeiro ensaio da coletânea, “Literatura e mito: a guerra em *Paradise Lost*”, de Luiz Fernando Ferreira Sá, dialoga com o seminal *Milton’s Imperial Epic*, enfatizando o modo como Milton realiza uma (des)leitura do poema épico como gênero e do império como forma.

Os próximos dois ensaios focalizam usos e formas do mito na Idade Média. “What does a woman want?” *Embracing the goddess in medieval romance* (“O que a mulher deseja?": Abraçando a deusa no romance medieval”), de Logan Greene, remonta ao uso da mitologia clássica por escritores do século XIV. Observando como Chaucer utilizou o mitema celta da Mulher Repugnante em um dos contos de *Contos da Cantuária*, “O Conto da Mulher de Bath”, Greene analisa a dinâmica masculina implícita nesse mito fundacional. Já Dario Taciano de Freitas, em “O bestiário poético de Manoel de Barros: os animais em Arranjos para assobio” comenta como a tradição do bestiário assume diferentes modulações simbólicas quando usada no novo contexto

do Pantanal brasileiro, e como Barros rompe a tradicional visão do animal como o outro do homem.

Os mitos das mulheres guerreiras (especialmente as amazonas), de Salomé e de Orfeu informam a leitura que Daryl Ritchot, Talita Papoula e Luciano Marcos Dias Cavalcanti fazem, respectivamente, da visão genérica de C. S. Lewis e sua caracterização da personagem Orual em *Till We Have Faces*, do papel desempenhado por Salomé, juntamente com dândis e estetas, na composição de um cenário decadentista em *A Confissão de Lúcio*, de Mario de Sá-Carneiro, e do modo como Jorge de Lima se utiliza do elemento órfico na construção de *Invenção de Orfeu*. Já Luciane Figueiredo Pokulat busca embasamento na descrição de Joseph Campbell da estrutura da jornada do herói mítico para sua leitura da obra de estréia do escritor Sérgio Sant'Anna como romancista, *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária*.

A sessão dedicada a ensaios conclui com três estudos que, de diferentes maneiras e enfoques, expressam o uso do mito frente a deslocamentos que culminaram na descoberta do Novo Mundo, no alargamento das fronteiras americanas rumo ao oeste e no surgimento de novas nações. Em “The Amerindian and the Myth of the Golden Age” (“O Ameríndio e o mito da Idade do Ouro”), Alberto Garcia discute a influência do mito no momento do contato inicial entre europeus e ameríndios, destacando o papel ocupado, nesse contexto, pelo mito da Idade do Ouro. Eloína Prati dos Santos apresenta detalhado panorama da história da conquista e da colonização do oeste estadunidense, revisa os conceitos de fronteira, região e pós-região, estabelecidos por Richard Etulain, bem como a representação no cinema, literatura e na pintura do faroeste— ou Far West— que estabeleceu tantos traços distintos da América no imaginário mundial. Em “Constructing a New India” (“Construindo uma nova Índia”), Christie Daniels assinala o papel da narrativa na criação da identidade nacional e estuda a maneira como Salman Rushdie, expõe, em *Os Filhos da Meia-Noite*, os mitos empregados por Nehru no discurso proferido na véspera da independência da Índia, “Um encontro com o destino”.

Finalmente, a sessão Resenhas traz apreciações críticas dos livros *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, *O Africano*, de Le Clézio, *O Encontro*, de Anne Enright e *O menino do pijama listrado*, de John Boyne. Esperamos que essas resenhas e os ensaios aqui publicados contribuam para a divulgação tanto dos romances publicados de há pouco como da ampliação da compreensão e conhecimento das relações entre literatura e mito.

Denise Almeida Silva